

Mediatização e fontes: construção do discurso jornalístico em articulação¹

Mediatization and sources: Construction of journalistic discourse in combination

Cléber Moletta Gomes

Faculdade Campo Real. Rua Comendador Norberto, 1299, Santa Cruz, 85015-240, Guarapuava, PR, Brasil.
clebermoletta@hotmail.com

Marcelo Engel Bronosky

Universidade Estadual de Ponta Grossa. Praça Santos Andrade, 1, Centro, 84010-790, Ponta Grossa, PR, Brasil. mebrono@yahoo.com.br

Resumo. Propõe-se uma reflexão sobre a participação na formação do discurso jornalístico por meio do *site* institucional. Utilizamos o caso da ONG Viva Rio, que questiona e oferece em seu portal outra interpretação dos dados publicados em uma notícia da Agência Estado. Para subsidiar essa reflexão, partimos de uma visão construcionista da notícia; apresentamos o conceito de narrativa plurivocal da enunciação jornalística (Motta, 2012) e da circulação jornalística em zonas de articulação e pregnâncias de diferentes discursos em uma complexa sistemática de circulação (Fausto Neto, 2012). Mesmo considerando a limitação simbólica do espaço institucional de veiculação de notícias, (Ferreira, 2007), apontamos como resultado dessa reflexão que a ONG Viva Rio ofereceu em seu espaço *online* um enunciado que, articulado com outros já em circulação, possibilitou sua participação na narrativa.

Palavras-chave: mediatização, circulação, discurso jornalístico, *site* institucional, ONG Viva Rio.

Abstract. A discussion on the involvement of the formation of journalistic speech through an institutional website is proposed. We explored the NGO Viva Rio website, that questions and offers an alternative comprehension of data related to a news published by Agência Estado. To support this speculation, we started from a constructional view of the news, presenting the concept of multivocal narrative of journalistic enunciation (Motta, 2012) and of journalistic dissemination in articulation areas and pregnancy of different speeches in a complex systematic system (Fausto Neto, 2012). As a result of this study, even considering the symbolic limitation of the institutional space of news broadcasting (Ferreira, 2007), we notice that the NGO Viva Rio website offers a statement that, articulated with others available websites, enabled its relevant participation in the narrative.

Keywords: media involvement, flow information, journalistic discourse, institutional site, NGO Viva Rio.

¹ As linhas gerais do texto foram publicadas no 13º SBP|Jor (Encontro nacional de pesquisadores em Jornalismo). Esta versão possui modificações feitas a partir dos apontamentos feitos durante a apresentação no evento.

Introdução

No dia 26 de junho de 2015, o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC) divulgou relatório anual sobre o tema (UNODC, 2015). O acontecimento foi abordado pela Agência Estado, que em uma notícia publicada sobre o fato, deu o seguinte título: “Consumo de cocaína no Brasil é quatro vezes superior à média mundial” (Chade, 2015). A notícia é toda baseada no relatório da UNODC e relata que o Brasil se tornou um dos maiores mercados consumidores de cocaína no mundo, com prevalência de usuários que ultrapassa quatro vezes a média mundial. Também aponta o Brasil como o maior centro de distribuição da droga no mundo durante a última década. A redução do consumo em países europeus e nos Estados Unidos é abordada no segundo parágrafo. A explicação dos dados que apontam o país como o maior consumidor mundial de cocaína aparece no terceiro e quarto parágrafos, junto com a análise da conjuntura latino-americana.

*Mas é o consumo na cocaína na América do Sul que mais preocupa e o Brasil segue uma tendência inversa. A taxa de prevalência da droga na região passou de 0,7% da população em 2010 com 1,8 milhões de usuários para 1,2% em 2012, um total de 3,3 milhões de pessoas. As taxas sul-americanas são hoje três meses a média mundial e parte do aumento teria ocorrido por causa do aumento do mercado no Chile e na Costa Rica. “Mas o aumento do uso de cocaína na região é liderada pelo aumento do uso no Brasil, que é o maior mercado de cocaína na América do Sul”, alertou a ONU. “Apesar de não haver uma pesquisa recente no Brasil, **extrapolando** dados a partir de pesquisas com estudantes universitários, a UNODC estima que a prevalência do uso da cocaína seja de 1,75% da população adulta do País”, indicou (Chade, 2015, grifo nosso).*

Os dados sobre o consumo no Brasil, portanto, aparecem entre aspas, creditadas à Organização das Nações Unidas (ONU). Indicam que o Brasil teria prevalência de 1,75% de consumidores do entorpecente entre a população adulta do país, extrapolando os dados de pesquisa específica com o público universitário. No parágrafo seguinte é informada que a mé-

dia mundial de prevalência de consumidores entre a população adulta é de 0,4%. A comparação dos dois dados remete a informação do título da notícia e destacada no lide: o consumo de cocaína no Brasil é quatro vezes superior à média mundial.

Na semana seguinte, quatro dias depois da publicação da notícia, que circulou por diversos veículos de comunicação², a assessoria de imprensa da ONG Viva Rio, veiculou em seu site notícia questionando a publicação da Agência Estado. Nessa oportunidade, faz outra interpretação dos dados divulgados pela UNODC, apontando um equívoco no texto. A notícia teve o seguinte título: “Brasil não lidera consumo de cocaína” (Côrtes, 2015). A publicação começa relevando distorções de uma agência de notícias na divulgação dos dados do Informe Mundial sobre as Drogas 2015. A nota não cita a Agência Estado, mas identifica justamente os dados veiculados por ela. O texto expõe uma releitura dos dados e aponta uma ‘contabilidade mágica’ da matéria da Agência.

*A ‘contabilidade mágica’ deu-se na inadequada comparação entre a estabilização do uso no mundo (0,4%) com pesquisas realizadas entre universitários brasileiros (1,75%). É lógico que o consumo deste **seleto grupo** não pode ser comparado ao da população brasileira como um todo – por falta de dados mais abrangentes e recentes sobre o país-, o que gerou o erro. A UNODC em Brasília ainda avalia a possibilidade de divulgar um desmentido sobre a informação (Côrtes, 2015, grifo nosso).*

Percebe-se clara intenção de retificar o que foi veiculado na notícia da Agência Estado, aponta um novo sentido para o enquadramento do acontecimento e, por consequência, produz outro sentido com a veiculação da notícia. O parágrafo anterior tem a preocupação de explicar porque a notícia da agência estava errada; qual dado teria sido mal interpretado e gerado o equívoco, no entendimento da entidade. Na sequência, a notícia não volta a mencionar o que classificou como equivocados no texto da agência e apenas apresenta dados do informe da UNODC.

Via site institucional, a ONG Viva Rio publicou ainda outra notícia sobre a divulgação

² Conseguimos identificar, em busca feita na internet pelo título da matéria: *Consumo de cocaína no Brasil é quatro vezes superior à média mundial*, a publicação do mesmo conteúdo em ao menos 20 portais de notícia on line. Usamos o recorte temporal da data de 26 e 27 de junho de 2015, e apenas as palavras exatas, ou seja, apenas publicações que estavam com o mesmo título da Agência Estado.

do Informe, realizando análises sobre os números e dados divulgados. Nesse segundo texto (Viva Rio, 2015), postado na página no dia três de julho, a ONG apresenta o posicionamento da Plataforma Brasileira de Drogas sobre o tema. O questionamento sobre os dados novamente é feito nessa segunda publicação, mas a crítica é direcionada ao próprio Informe, não ao conteúdo veiculado na imprensa. A notícia esclarece que o Informe usou os dados mais recente disponíveis em cada país para realizar o levantamento. No Brasil, uma ampla pesquisa sobre a prevalência de uso de cocaína foi realizada em 2005 e, mais recentemente, em 2010, foi feito um levantamento exclusivo com a prevalência de uso entre universitários. Os dados foram somados para se chegar ao número divulgado no relatório. Segundo a mesma notícia, uma soma inadequada, pois o público universitário, por suas características socioeconômicas no Brasil, registra um número mais elevado de usuários do entorpecente. Já a Agência Estado não realizou nenhuma outra publicação sobre o tema. A UNODC também não realizou nenhum posicionamento sobre o tema em sua página online.

Narrativas jornalísticas: múltiplas vozes em zonas de articulação

O discurso jornalístico se constrói com multiplicidade de vozes, que aparecem em seus enunciados. Esta aparição depende de fatores ligados a sua presença e participação política e institucional dentro do contexto de produção do discurso (Motta, 2012). Essa reflexão é feita com foco na produção do discurso. Ainda sobre este cenário de multiplicidade de vozes, mas pensando no âmbito da circulação dos discursos, Fausto Neto (2012) aponta que a midiaticização cria zonas de articulação dos discursos, em vez de uma zona de passagem, considerando um cenário de circulação da discursividade. Sobre estes dois aspectos do discurso jornalístico, apoiaremos nossa reflexão sobre o objeto apresentado.

Parte-se do entendimento que o discurso jornalístico é uma construção da realidade, conforme identificam Miguel Rodrigues Alsina (2009), Gay Tuchmann (1983) entre outros. Por essa linha, entende-se que o jornalismo cria “um produto profissional que se permite o direito de interpretar o que ocorre a cada dia com os cidadãos” (Tuchmann, 1983, p. 17). É uma narração do presente a partir dos acontecimentos que são avaliados como noticiáveis e

com possibilidade de serem narrados por um discurso jornalístico. Notícias são um dos inúmeros produtos que circulam e, de modo contínuo, constroem a realidade (Gadini, 2007). O discurso jornalístico, no entanto, tem uma característica específica e busca gerar sentidos no leitor/consumidor. Oferece, como suporte que oferece diversos temas da atualidade, um mapa dos acontecimentos e do mundo para seus leitores (Mouillaud e Porto, 2002).

Por suas características, para que um acontecimento se transformar em acontecimento jornalístico, exige-se que ele passe por uma seleção, classificação e tratamento. O trabalho jornalístico, então, se apropria do acontecimento, transformando-o em notícia. É um processo de construção do acontecimento e ao mesmo tempo da própria realidade. Este processo produtivo do discurso, que narra e constrói acontecimentos, faz com que certas vozes sejam silenciadas e que outras ecoem dentro dos enunciados, em um processo de disputa por participação.

Como uma proposta de analisar o discurso jornalístico e identificar as múltiplas vozes que nele podem se apresentar, Luiz Gonzaga Motta (2012) oferece um modelo plurivocal de análise das narrativas. Trata-se da leitura de vários níveis de voz dentro de um enunciado jornalístico que está relativamente controlado pelo narrador, no nosso em análise, o jornalista. Ao produzir o enunciado, entendido como texto pronto, o narrador dispõe as falas dos personagens e compõe a enunciação, entendida como a “performance dos sujeitos interlocutores no processo de enunciação narrativa” (Motta, 2012, p. 12). Um determinado conteúdo jornalístico, por este entendimento, resulta do relato de diferentes fontes – diferentes enunciados – que são articulados pelo jornalista na composição da enunciação.

A ordem das aparições e lugar dos enunciados de cada fonte é uma construção do jornalista. Recorre-se mais uma vez ao entendimento construcionista da notícia. São muitos acontecimentos com potencial de virarem notícia e muitas fontes e personagens com potencial de participação na narrativa. Para que o trabalho jornalístico seja viável, do ponto de vista do tempo e das demandas comerciais que caracterizam o produto jornalístico, diversos mecanismos organizacionais de seleção e organização são utilizados. Esta tarefa se complexifica com o desenvolvimento do jornalismo, e mais do que selecionar notícias ‘abrindo e fechando portas’ para que os acontecimentos sejam

processados e oferecidos como notícia, exige-se que os profissionais da área desempenhem um papel de articular “filtros que se cimentam em interesses organizacionais” (Arrueta, 2010, p. 28, tradução nossa). Ao se complexificarem, os modos de se processar a oferta de acontecimentos, agrega-se procedimentos de avaliação durante toda a produção. Neste sentido, se o acontecimento constrói a notícia, a notícia também constrói o acontecimento, pois é um produto que reflete aspectos da produção (Gardini, 2007).

Além de condicionadas ao acontecimento em si, o processo de narração jornalística passa por diversas lógicas de produção e valores de avaliação, compondo um conjunto de mecanismos que constroem a notícia. A operação jornalística converte em enunciado certo acontecimento tendo como uma de suas regras a utilização de falas das fontes. Um procedimento que, na perspectiva de objetividade pretendida pelo jornalismo, confere veracidade ao discurso (Fausto Neto, 1991).

A presença da fonte dentro do enunciado jornalístico é determinada por fatores internos às redações, que realizam suas atividades sob pressões de tempo e espaço, das próprias fontes e também de interesses políticos e econômicos. De outro modo, a participação das fontes no discurso jornalístico, em um cenário ideal, é resultado da escolha dos jornalistas que atuam com uma determinada lógica de produção dos meios. Lógica que está condicionada aos aspectos da estrutura para construção das notícias, como de acesso à fonte, além de sua importância e participação simbólica. Estas preferências e modos de selecionar e hierarquizar as falas na produção jornalística estão embutidas em uma organização da produção. Mas, é sempre uma negociação permanente que ocorre no processo produtivo, deixando marcas no produto jornalístico (Arrueta, 2010).

Participar da enunciação jornalística é um jogo de poder dizer. Em cada conteúdo noticioso “se manifestam vozes e interesses contraditórios que se sobrepõem” (Motta, 2012, p. 23). O lugar do enunciado de cada um na narração do jornalista é resultado do valor simbólico atribuído a cada fonte, ao papel desempenhado por ele no acontecimento narrado, na pressão exercida por ele na construção da notícia.

Sem necessariamente ser construída em uma linearidade, em um único texto que oferece todos os sentidos, a narração jornalística resulta de

uma série de sobreposição de falas e posicionamentos. Revelar esta composição requer:

[...] observar rigorosamente as relações de conflito e negociações que ocorrem entre os atores do processo de produção da narrativa jornalística: conflitos e negociações entre fontes e jornalistas, entre jornalistas e o veículo no qual trabalham, entre as próprias personagens para ocupar papéis favoráveis ou expressar seus pontos de vista, etc. (Motta, 2012, p. 25).

Essa compreensão da produção jornalística se refere à produção do discurso jornalístico, a composição do enunciado que, pelas condições em que é construído, configura-se com uma multiplicidade de vozes. Quais dessas vozes são colocadas no enunciado e como elas aparecem é uma configuração dada pela própria natureza do fazer jornalístico. Para circular dentro de um dispositivo midiático jornalístico de qualquer plataforma (web, impresso, rádio, televisão), o enunciado precisa ser editado e, de algum modo, concluído. A partir desta finalização do enunciado, ele passa a ser a narração real provisória de um acontecimento. Provisória porque os discursos estão em constante atualização.

Entende-se que ao fazer escolhas e eleger a composição dos discursos que vão compor determinada enunciação, muitos enunciados ficam fora da seleção. Esses discursos, no entanto, seguem existindo e buscam espaço de compor a narrativa. Se há uma demanda reprimida por espaço de circulação no discurso dos meios jornalísticos tradicionais, nos quais alguns discursos não encontram espaço de ressonância, há outros espaços de circulação.

Com a centralidade do midiático nas relações humanas, estabelecendo uma necessidade de aparição midiática para configurar certa existência pública, a prática jornalística passa de uma zona de passagem, de transmissão de mensagens, para uma zona de articulação de discursos sociais (Fausto Neto, 2012).

Com a conversão de tecnologias em meios, o que caracteriza uma sociedade em vias de midiatização, cria-se um ambiente de intensa circulação de discursos de diferentes atores sociais (Fausto Neto, 2008). Criam-se bordas que possibilitam uma circulação não unidirecional dos dispositivos midiáticos – um fluxo unidirecional tornaria o jornalismo uma zona de passagem. Articulam-se, por diversos dispositivos, diferentes enunciados, que compõem uma determinada enunciação.

A complexificação tecnológica expõe o trabalho da circulação, muda os ambientes, as temporalidades, as práticas sociais e discursividades, os processos, o status dos sujeitos (produtores e receptores), as lógicas de contatos entre eles e os modos de envio e reenvio entre eles diluindo fronteiras outrora cristalizadas, em favorecimento desta nova “zona de contato”, mas também de indeterminações (Fausto Neto, 2010, p. 65).

Com uma complexidade na circulação dos discursos e a continua busca por mediatizar discursos, a disputa pela participação no enunciado jornalístico ocorre também por outros espaços. A proposta construcionista de compreensão da produção do discurso jornalístico – seja por uma abordagem do processo produtivo (Tuchman, 1983) ou pela perspectiva da análise do discurso jornalístico (Alsina, 2009) – não compreende a notícia como uma construção linear de um discurso. Considera a pressão de fontes, estrangimentos organizacionais e elementos diversos que estão postos na prática jornalística.

Seguindo essa mesma corrente, agrega-se um conceito de jornalismo como uma zona de articulação de diferentes discursos que são produzidos e circulam sem linearidade. O enunciado jornalístico segue sendo um produto que promove uma enunciação de determinado discurso. Uma narração dos acontecimentos que é forjada em um contexto produtivo que estabelece certos critérios e tem certas possibilidades de produção. Esse discurso passa a ser tencionado por bordas de mensagens e a circular em paralelo com discursos produzidos por possíveis fontes, participantes ou interessados nos acontecimentos.

Participar da construção de determinado discurso jornalístico, ser uma das múltiplas vozes que o compõe, não ocorre necessariamente pelo discurso dos meios. O que Fausto Neto (2008, 2010 e 2012) classificou como articulação de discursos, feixe de relações entre eles, oferece outras possibilidades de circulação e produção³ do discurso. Permite que fontes e leitores circulem suas mensagens e ofereçam significados e narrações aos acontecimentos – inclusive com linguagem jornalística, como no caso em que analisamos nesse artigo. Circulação que reflete no próprio contexto produtivo

que atravessa as salas de redação e determina a produção do discurso das mídias.

Participação via dispositivo

Sabe-se que o discurso das mídias jornalísticas tem centralidade na sociedade. É delas o papel de narração dos acontecimentos, de certa leitura do mundo a partir de relatos verdadeiros dos fatos (Mouillaud e Porto, 2002). Compreende-se, também, que o manejo de certos dispositivos – como sites institucionais de ONGs e movimentos sociais – encontra limitações na participação do discurso jornalístico (Ferreira, 2007). Se apropriando de reflexões de Jairo Ferreira (2007), esses discursos que, por vezes, se pretendem informativos e jornalísticos esbarram em uma linguagem demasiado propagandística e institucional. Assim, ainda que com conteúdos que contenham características de notícia e ofereçam possibilidades de narração dos acontecimentos em linguagem jornalística, não alcançam o efeito de sentido pretendido pelos meios. O que de fato determina a participação no discurso jornalístico é a capacidade simbólica da fonte e do próprio meio que veiculam determinado enunciado.

Não obstante a essas considerações, determinados enunciados circulam e oferecem certo sentido ao corpo social. Assim, notícias veiculadas por ONGs – como o caso do objeto em análise neste estudo – participam da zona de articulação de discursos buscando participação na narração jornalística.

Ao focar no objeto que apresentamos acima, percebe-se que o enunciado oferecido pela ONG Viva Rio não participa do enunciado da Agência Estado. Não compoem a narrativa diretamente, no mesmo enunciado, a entidade busca uma participação na enunciação do acontecimento. Participação que se pode classificar como indireta, via dispositivo operado pela própria instituição: o website da ONG. No caso específico, a abordagem é de contraposição ao que fora veiculado pela Agência Estado. Mas, o objetivo específico da mensagem não é central, já que o mesmo espaço de circulação de mensagens poderia ter sido utilizado por outro tipo de conteúdo.

³ Nos textos citados de Antônio Fausto Neto (2008, 2010 e 2012), o autor aponta que a circulação como uma zona de articulação e pregnância de discursos, causa como efeitos nos meios jornalísticos a autorreferencialidade. Busca-se certa proximidade do leitor na narração dos acontecimentos com a citação do próprio meio de comunicação ou dos jornalistas envolvidos no ato enunciativo.

Reconhecendo o enunciado jornalístico como uma composição de diferentes falas, articuladas pelos jornalistas que tem o poder de concluir uma enunciação e construir a notícia, ainda que esta tarefa seja feita em um contexto de múltiplas pressões e lógicas de produção, pode-se identificar bordas, margens nessa operação. Ainda que Luiz Gonzaga Motta (2012) discuta o modelo plurivocal dentro do enunciado dos meios, uma articulação gerada pela circulação de diferentes discursos, por diferentes dispositivos, cria outros espaços como plurivocais.

Não tendo um lugar privilegiado de fala no enunciado da própria Agência Estado, a ONG Viva Rio procurou – no caso estudado nesse artigo – uma ‘borda’⁴ para circular seu posicionamento sobre o acontecimento. Se em função de sua posição simbólica e política determinada fonte não consegue espaço desejado de fala no enunciado jornalístico, as bordas se oferecem como espaço possível de circulação. Ainda que simbolicamente, os ambientes sejam distintos, as páginas institucionais de ONGs na internet possibilitam sua presença em uma zona de articulação de diferentes enunciados.

O acontecimento que gera a produção das mensagens não está ligado diretamente a ONG Viva Rio. O Informe Mundial sobre as Drogas 2015 é um conteúdo produzido e divulgado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC), ligada a ONU. A busca pela participação nesse discurso se deve a ligação com o tema drogas, que é uma das linhas de trabalho da instituição. Observando as duas publicações da Viva Rio também se identifica que a produção e a circulação do conteúdo no site foi motivada pela notícia gerada pela Agência Estado.

Dentre outras possibilidades de midiatar seu posicionamento sobre o tema via dispositivo site institucional, a entidade utilizou o formato de notícia, assinada por uma jornalista⁵, postada em uma seção do site da instituição denominada Notícias. Estas informações sobre o objeto indicam a pretensão da Viva Rio de participar do discurso jornalístico sobre o acontecimento, e não outro tipo de discurso.

Considerações

Percebe-se que a fonte de informação utilizou no acontecimento da divulgação do Infor-

me Mundial sobre Drogas 2015 um mecanismo paralelo de veiculação de seu posicionamento a partir de um dispositivo midiático. A partir dos conceitos que utilizamos no texto, do discurso como uma formação complexa e plurivocal, de um cenário de circulação que cria uma zona de articulação e que, na nossa leitura do objeto, aproximou a fonte da enunciação por um dispositivo midiático, temos um fator de complexificação na formação do discurso.

Entender a discursividade das fontes não se limita a compreender como elas estão apresentadas nas narrativas das mídias hegemônicas, entendidas aqui como os veículos comerciais de informação. Ainda que o texto da Agência Estado seja anterior e não considere o posicionamento da ONG Viva Rio, percebe-se que a entidade tinha um contraponto ao sentido que se produziu e veiculou pela Agência Estado. A opção da entidade foi de dispor de seu próprio dispositivo (site) e, através de um texto em formato de notícia (escrito por uma jornalista), oferecer seu posicionamento ao debate. Em buscas realizadas na internet, não foi possível verificar se a notícia produzida pela assessoria de imprensa da Viva Rio foi reproduzida por outras entidades ou meios de comunicação, embora isto possa ter acontecido, uma vez que a rede de contatos da ONG se estende para além de sua própria ambiência.

Por fim, o que se buscou evidenciar no texto é que, mesmo fora do enunciado dos meios, um discurso (pretensamente) jornalístico circula e, assim como as notícias nos jornais, gera um efeito de reconhecimento e um sentido na narrativa, na formação do discurso jornalístico.

Referências

- ALSINA, M.R. 2009. *A construção da notícia*. Petrópolis, Vozes, 352 p. (Clássicos da Comunicação Social).
- ARRUETA, C. 2010. *Qué realidad construyen los diarios: una mirada desde el periodismo en contextos de periferia*. 1ª ed., Buenos Aires, La Crujía, 220 p.
- CHADE, J. 2015. Consumo de cocaína no Brasil é 4 vezes superior à média mundial. *Jornal Estado de São Paulo*. São Paulo, 26 jun. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,consumo-de-cocaina-no-brasil-e-quatro-vezes-media-mundial,-1713956>. Acesso em: 30/06/2015.
- CÔRTEZ, C. 2015. Brasil não lidera consumo de cocaína. *Viva Rio*. Rio de Janeiro, 30 jun. Disponível em: <http://vivario.org.br/brasil-nao-lidera-consumo-de-cocaina/>. Acesso em: 30/06/2015.

⁴ Usamos o termo de Antônio Fausto Neto (2010).

⁵ Jornalista Celina Côrtes.

- FAUSTO NETO, A. 2012. Narratividades jornalísticas no ambiente da circulação. In: F. PICCININ; D.A. SOSTER, *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, p. 45-67.
- FAUSTO NETO, A. 2010. As bordas da circulação. *Revista Alceu*, 10(20):55-69.
- FAUSTO NETO, A. 2008. Fragmentos de uma 'analítica' da midiática. *MATRIZES*, 1(2):89-105. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p89-105>
- FAUSTO NETO, A. 1991. *Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza*. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 161 p.
- FERREIRA, J. 2007. Notícias sobre as ONGs: uma conjuntura aberta pelos dispositivos midiáticos na web. In: J. FERREIRA; E. VIZER, *Mídia e movimentos sociais. Linguagens e coletivos em ação*. São Paulo, Paulus, p. 133-148.
- GADINI, S. 2007. Em busca de uma teoria construcionista do jornalismo contemporâneo: a notícia entre uma forma singular de conhecimento e um mecanismo de construção social da realidade. *Revista FAMECOS*, 14(33):79-88.
- MOTTA, L.G. 2012. Vozes e narrativas e jogos de poder no jornalismo: modelo plurivocal. In: F. PICCININ; D.A. SOSTER, *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, p. 12-44.
- MOUILLAUD, M.; PORTO, S.D. (orgs.). 2002. *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 587 p.
- TUCHMAN, G. 1983. *La producción de la noticia. Estudio sobre la construcción de realidad*. Barcelona, Gilli, 291 p.
- UNODC. 2015. Oficina de las Naciones Unidas contra la Droga y el Delito, Resumen ejecutivo. Informe Mundial sobre las Drogas. ONU, 275 p. Disponível em: http://www.unodc.org/documents/wdr2015/World_Drug_Report_2015_Spanish_.pdf. Acesso em: 06/10/2017.
- VIVA RIO. 2015. Plataforma de Drogas avalia relatório da ONU. Rio de Janeiro, 3 jul. Disponível em: <http://vivario.org.br/pbpd-divulga-posicao-sobre-relatorio-anual-do-unodc/>. Acesso em: 03/07/2015.

Submetido: 03/08/2016
Aceito: 07/12/2016